

O corpo da noite, leitura de “Buriti”, de João Guimarães Rosa

Edinael Sanches Rocha

Resumo

O presente estudo de “Buriti”, de João Guimarães Rosa, se dá a partir da análise estilística da obra, articulando-a com a fortuna crítica, visando construir novas perspectivas interpretativas. Privilegiando aspectos pouco estudados até o momento e partindo do estudo da relevância simbólica dos elementos da natureza representados no texto chegou-se à possibilidade de entendimento do binômio buriti/mutum como sendo o de dois grupos familiares (clãs) que, em relação ao amor, apresentam disposições opostas e complementares. A noção de totemismo, sugerido pelo estudo de Luiz Roncari em relação ao Buriti-Grande, é tomada aqui de forma analógica da antropologia estrutural de Lévi-Strauss contribuindo para a articulação teórica necessária para esta etapa da pesquisa. A ideia básica é de que, predominantemente, a influência (ou a regência, como quer Roncari) de cada um destes totens seja determinante na tônica amorosa dos grupos familiares. A filiação de Miguel e Maria da Glória aos respectivos clãs se dá tanto pelo nome do lugar onde vivem quanto pela inscrição no sobrenome da família. A narrativa rosiana que encerra o ciclo de *Corpo de baile* promove o encontro entre Miguel/Miguelim do soturno (M) mutum com Maria da Glória do solar buriti, promovendo a possibilidade de uma releitura (sugerida no próprio índice da primeira edição) e uma união afetiva pautada mais pelo desejo das personagens do que pela ligação de cada um à sua linhagem totêmica.

Palavras-chave

Buriti; Guimarães Rosa; totemismo; literatura brasileira

1 Doutorando em Letras pelo DLCV – USP. E-mail: edinaelrocha@gmail.com.

As reflexões aqui expostas representam um capítulo da pesquisa do doutorado, ainda em andamento. Com o título de “O corpo da noite” – tirado de uma passagem da novela – investiga-se alguns aspectos formais relativos à caracterização do erotismo nesta obra. Importante observar na leitura de “Buriti” o quanto o narrador, por meio do uso da palavra poética, compõe uma natureza plena de elementos plásticos e sonoros de maneira a criar um efeito por meio do qual o erotismo emana, em parte, da própria natureza e chega às personagens pelo contato destes com o meio que as cerca. Daí a insistência no fato de que, em “Buriti” a noite tem corpo, semelhante ao corpo erógeno das personagens.

Nesta apresentação, comparo alguns trechos de “Buriti” com “Campo geral” para entender a caracterização da personagem Miguel. Utilizo também a noção de totemismo, principalmente da forma estudada por Lévi-Strauss, como mediadora de aspectos relativos à fruição amorosa. Trata-se de uma tentativa de sistematizar elementos relevantes presentes no encontro entre Miguel/Miguilim, cuja história traz a marca de uma afetividade trágica e tumultuosa, e Maria da Glória, de sensualidade exuberante e afetividade aberta, solar.

A possibilidade de usar o conceito de totemismo, ainda que de forma analógica, decorre de uma sugestiva formulação do professor Luiz Roncari que, em seu recente estudo sobre “Buriti”, menciona as “influências totêmicas” (RONCARI, 2013, p. 109) do Buriti-Grande que “regem” a vida amorosa dos habitantes do Buriti Bom e da Grumixã.

Há em “Buriti”, portanto, a encenação não apenas do encontro de duas personagens com histórias distintas, mas de dois descendentes do sertão, “dos Gerais, por varonia”² (B, 140), vindos de clãs/grupos familiares regidos por totens específicos.

O mais evidente destes totens, conforme a sugestão de Roncari, é o Buriti Grande “que mudo e alto maquineja” (B, 114), a partir de sua presença e emanações próprias, as

² As referências a “Buriti” encontram-se no volume: **Noites do sertão**. 4ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969 e virão indicadas ao longo do texto, entre parênteses com um ‘B’ seguido do número de página. Da mesma forma, as indicações a “Campo geral”, relativas ao livro *Manuelzão e Miguilim*, 6ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976, serão indicadas por CG e o respectivo número da página.

práticas eróticas de Liodoro e seus descendentes. Maria da Glória se orgulha de ser como o pai, herdeira de sua libido frondosa. Ressalte-se ainda o nome do patriarca, passado aos descendentes: Liodoro Maurício Faleiros, sendo notória a aproximação com o nome científico do buriti, *Mauritia Vinífera*, além da evocação fálica do “Faleiros”.

Menos evidente é a figuração do mutum como um totem a reger a índole amorosa de Miguel. Ave que nomeia o cenário da ação de “Campo geral”, o negror de suas penas se espalha pelo horizonte da família de Miguilim, que sofre as consequências trágicas das buscas amorosas dos adultos, sobretudo de sua mãe, Nhanina, que culminam com o assassinato de Luisaltino por nhô Bernardo e o posterior suicídio deste.

Miguel, em seu amor “carnal marcado” (B, 97) pelo sertão, traz também a marca do mutum no nome, à semelhança de Glória e Liodoro. Em “Campo geral”, sua irmã desfila os nomes completos da família, logo após a crisma do irmão. Assinala a filiação paterna pelo patronímico “Caz” (CG, 9). Este sobrenome, por sua vez, faz ressoar o nome científico da família dos Cracídeos, à qual pertence o mutum: *Crax alector*³. Isto sem mencionar a proximidade sonora apresenta em trecho do “Buriti”: “O mutum se acusa. O mutum, *crasso*”(B, 116). Decorre desta ligação a inevitável aproximação de Miguel/Miguilim com a figura mesma do mutum.

Mesmo sabendo que o sobrenome da família de fato é “Cassio” e não “Caz”, por meio da leitura de “Campo geral” (CG, 25), leva-se aqui em consideração o lapso, o “erro” infantil da pronúncia de Drelina que cria esta corruptela cheia de sugestões e possibilidades de interpretação no contexto da narrativa e no desenvolvimento do presente estudo.

Entre os diversos textos escritos por Lévi-Strauss sobre o totemismo, destaca-se a noção do operador totêmico como sendo a de “mediação entre natureza e cultura” (LÉVI-STRAUSS, 2010, p. 109). Este autor pontua que os animais e outros elementos da natureza eleitos para representar um clã expressam “relações lógicas, às quais a diversidade de espécies animais serve como suporte” (LÉVI-STRAUSS, 1986, p. 42)

3 Conforme pesquisa no site Comitê Internacional de Ornitologia (<http://www.worldbirdnames.org/ioc-lists/family-links/>), em 23/02/2015.

salientando-se, assim, o caráter metafórico dos totens. Daí a necessidade de se conhecer estes animais no sentido de entender as tais “relações lógicas” implicadas na escolha deste ou daquele elemento natural.

Faça-se aqui a ressalva de que se trata de uma “escolha” do pesquisador, proposta de uma compreensão articulada destas novelas, sendo possível buscar no texto de Rosa as relações de sentido a unir o destino amoroso destas personagens com seus totens. Trata-se do aproveitamento destas noções tomadas da Antropologia para, analogicamente, abordar “Buriti” visando nova interpretação – aqui em perspectiva comparativa com “Campo geral”.

Em “Buriti”, no encontro de Miguel e Maria da Glória, o jovem fala do mutum, quase a ponto de se identificar com ele, descrevendo-o em seu canto gutural e hábito noturno, “pássaro tristonho” (B, 87). Este qualificativo – tristonho – Gualberto emprega para o próprio Miguel (“moço, solteiro, tristonho” (B, 104)), predizendo o enamoramento entre Glória e o protagonista.

Mais do que uma mera polarização entre buriti solar, positivo e mutum noturno, negativo, saliente-se que Rosa empreende a relativização dos elementos, associando o mutum à alegre “dansa de baile” (B, 140) e o buriti, para Nhanina, como sinal de opressão e não pertencimento (CG, 66/67). Isto sem mencionar a estaticidade e o aspecto negativo posto na perspectiva do Buriti Bom como um lugar afeito à lenda, “belo poço parado” (B, 132) onde as relações sociais tendem a se estagnar.

Para Miguel e sua herança trágica de beleza e tristeza, abre-se, em “Buriti”, a possibilidade de associar a beleza e a alegria de Glória, renunciada no primeiro encontro e prestes a se concretizar com seu retorno. Para a filha de iô Liodoro que, por um lado confirma sua herança libidinosa advinda do pai, ao concretizar sua iniciação sexual com Gualberto e, por outro, se prende ao “hábito viscoso” (B, 191) de seu relacionamento com o compadre, fica em aberto a chance de unir a realização sexual, que já conhecera, com a afetiva, na iminente chegada do arcanjo salvador.

Nesta novela, de forte apelo sensual e dedicada a uma longa reflexão sobre o

amor em seus múltiplos aspectos, a ligação dos filhos do sertão aos seus antepassados míticos se confirma como possibilidade de entendimento de suas trajetórias. Tal ligação pode ser provada pelo contato do corpo das personagens com o corpo da noite, ou do sertão, relembando que para o narrador “o sertão é de noite” (B, 84).

Mais especificamente, reitera-se isto que entra pela boca e que, portanto, pelo paladar, desperta nos personagens o apelo à participação no banquete totêmico, ou refeição totêmica. Tal fenômeno, referido por diversos autores, incluindo Freud em seu *Totem e tabu*, implica no sacrifício e devoração ritual do animal ou planta escolhidos como representante do clã, com a função de garantir a identidade dos membros do clã entre si e garantir a união e a proteção do clã pelo ente totêmico.

Miguel, embora odeie caçadas, admite, indiretamente, já ter provado da carne do mutum, cogitando se Lalinha gostaria desta carne, que é “mais gostosa que a do peru” (B, 90). Em outra passagem, na perspectiva do Chefe Zequiél, mostra-se o buriti-grande como um velho capataz que, uma vez deitado na várzea e morto, dele poderia se fazer “pão” e “vinho”, feito de “róseo sangue doce” (B, 126), numa clara alusão à eucaristia, versão mais recente do banquete totêmico. Ou ainda no doce de buriti, feito por ià-Dijina – cujo nome e pessoa são tabus para o clã do buriti – como iguaria a garantir a celebração coletiva de mais um ritual – este cristão – por ocasião do Natal.

Mas é o “vinho doce [...] licor-de-buriti, que fala *os segredos dos Gerais*” (B, 225), tão próximo ao “róseo sangue doce”, que prova o poder de buriti como totem e leva os participantes do serão sertanejo ao excesso, à possibilidade de fazer cair as barreiras do proibido, precipitando a abordagem de Gualberto em relação a Maria da Glória e o beijo e o afago entre Lalinha e a cunhada. O buriti e sua “influência totêmica” mostram toda sua força no tocante à possibilidade do desfrute erótico. A cena em questão, pouco antes do final da narrativa, é qualificada por Roncari como uma “festa báquica”.

Na visão de Zequiél, a carne e o sangue, o pão e vinho remetem à eucaristia – lembrando o sentido do sangue de Cristo, “derramado em favor de muitos, para remissão de pecados”, de acordo com o Evangelho de Mateus, 26:28. Na cena do festim regado a

licor-de-buriti/vinho doce, ao contrário do sentido tradicional do efeito eucarístico, os pecados, ou os pensamentos libidinosos até o momento apenas sugeridos nas fantasias e solilóquios das personagens, entram em cena e passam ao ato, borrando momentaneamente os limites das convenções socialmente estabelecidas.

Prova-se aqui o que o próprio Rosa indica a seu tradutor Edoardo Bizzari, sobre o “porre amplo”, dionisíaco, ainda que “contido”, mitigado, que se pode ler nas páginas de “Buriti”(ROSA, 2003, p.125). Cabe observar que, seja por meio das emanações totêmicas, seja pela influência do elemento dionisíaco estudado por Roncari, tem-se a impressão, em diversos momentos da narrativa, de que, no Buriti Bom, os homens e mulheres seriam “manifestações naturais” da exuberância da natureza, sendo esta “encantatória e carregada de todo tipo de referências eróticas” (RONCARI, 2013, p.128).

Totêmico, dionisíaco, “Buriti” segue desafiando seus leitores com a “perfeição espessa” (expressão de Rosa) de seu texto e suscitando novas leituras, dentre as quais a que ora se apresenta, estudo inacabado.

Referências bibliográficas

FREUD, S. Totem e tabu. (1912) In _____. Obras completas. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. v.VII.

LÉVI-STRAUSS, C. Minhas palavras. Trad. Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Brasiliense, 1986.

_____. O pensamento selvagem. Trad. Tânia Pellegrini. 11. ed. Campinas: Papyrus, 2010.

_____. Totemismo hoje. Trad. Malcom Bruce Corrie. Petrópolis: Vozes, 1975.

RONCARI, L. D. de A. *Buriti do Brasil e da Grécia*. São Paulo: Editora 34, 2013.

ROSA, J.G. *Manuelzão e Miguilim*. 6. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.

_____. *Noites do sertão*. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969.

_____. *Correspondência com seu tradutor italiano Edoardo Bizzarri*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.